

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho. O Trabalho no Século XXI.
Mudanças, impactos e perspectivas

GT 11 - Empresas, Empresarios, Modelos Productivos y Trabajo

Cleiton Ferreira Maciel ¹; Maria Izabel de Medeiros Valle²; Jeanne Mariel Brito de Moura³

¹ Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Amazonas- UFAM. Email: cleiton.keto@hotmail.com

² Professora doutora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas- UFAM. Email: izabelvalle@ufam.edu.br

³ Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande- UFCG. Email: jeanne_brito@hotmail.com

Simbiose do capital: empresários, floresta e o discurso da “emancipação” dos trabalhadores oleiros no Estado do Amazonas

Resumo: O presente artigo tem por objetivo evidenciar e discutir as estratégias dos empresários oleiros tendo em vista a organização e controle do trabalho no Pólo oleiro-cerâmico do Estado do Amazonas, setor que fabrica cerca de 80% de tijolos e telhas consumidos na capital amazonense. Nos últimos anos esse setor tradicional da economia do estado do Amazonas vem passando por transformações no âmbito da configuração do trabalho que estão ligadas ao processo global da nova forma de acumulação do capital, qual seja, a acumulação flexível. A introdução de técnicas organizacionais, como Círculos de Controle de Qualidade, Programa 5S, e busca por certificação internacional ISO 9000 e 14000 caracterizam esse cenário. Nesse sentido, nosso trabalho busca compreender como emergem e desenvolvem-se essas estratégias do capital em um setor que, até pouco tempo, era caracterizado pela baixa tecnologia empregada na fabricação dos seus produtos, e que usava a madeira nativa como matéria-prima na queima dos tijolos e telhas. Além disso, a pesquisa evidencia que essas estratégias empresariais tendem a modificar o perfil das olarias do Pólo oleiro-cerâmico e, ainda, que imprimem um novo significado aos mecanismos tradicionais de controle do trabalho.

O início dos anos 2000 marca o cenário oleiro amazonense como um período crítico na estrutura produtiva desse ramo industrial. A lenha nativa era a matéria-prima usada nos fornos de queima de tijolos, sendo que a maioria das empresas comprava esse material dos pequenos produtores rurais, os quais não tinham permissão dos órgãos ambientais para desmatar, transportar e vender a madeira às olarias. Nesse período era comum ver caminhões com a carroceria cheias de “toras”⁴ de árvores semi-queimadas, uma vez que grande parte dessa lenha provinha dos roçados⁵ localizados nas proximidades do Pólo oleiro-cerâmico⁶.

Em face da chamada “crise ambiental” que vem forjando a atual conjuntura mundial de leis de proteção ao meio ambiente, esses órgãos ambientais, como IBAMA e IPAAM passaram a realizar uma série de operações tendo em vista a fiscalização contínua do transporte ilegal de lenha pelas estradas dessa região amazônica, bem como o acompanhamento por satélite das áreas desmatadas no entorno das olarias⁷.

Tratava-se, assim, de um momento fulcral dentro da organização produtiva oleira-cerâmica, ou seja, buscava-se mudar a base de material de queima de tijolos, sinalizando às agências de proteção ambiental o interesse em enquadrar-se na lógica do “desenvolvimento sustentável” ou continuava-se a operar do modo “tradicional”, constituindo-se, portanto, em empresas ilegais dentro de um cenário de pressão ambiental não apenas local, mas, sobretudo, global.

No bojo dessas metamorfoses em curso na Amazônia, às olarias voltaram-se à primeira plataforma de mudanças, qual seja, implementar uma agenda de alterações na configuração produtiva que, por um lado, desse conta de responder positiva e satisfatoriamente aos interesses dos órgãos ambientais nacionais e globais, e, por outro lado, fosse cômodo à reprodução dos interesses dos empresários do setor oleiro.

As condições propícias ao desenvolvimento de uma política organizacional que favorecesse diversos agentes foram forjadas através da ação do próprio Estado, tendo o SEBRAE como a força transformadora da engrenagem que se tinha até aquele momento. O que haveria de

⁴ Pedacos das arvores geralmente cortados por uma motosserra.

⁵ Área desmatada e queimada usada para a plantação, sobretudo, de mandioca.

⁶ No ano 2000 o índice de área desmatada em Iranduba era de 13,39%, sendo que no mesmo período a média amazonense era de 2% (MACIEL e VALLE, 2010).

⁷ O Pólo oleiro cerâmico está situado apenas a 10 quilômetros do maior hotel de selva do Amazonas: o Ariaú Amazon Tower.

ser realizado se constituiria, assim, não em uma ruptura com as práticas produtivas do passado, mas em uma fase de transição cômoda rumo a um modelo “moderno” de organização industrial, onde os diversos interesses e forças em jogo teriam suas demandas atendidas, ainda que em níveis diferenciados. Em trabalho recente denominei esse processo como “simbiose do capital” (MACIEL e VALLE, 2010).

Essa transição teve como desenho central uma plataforma de políticas organizacionais protagonizada pelo empresariado oleiro, que, por seu turno, fazem parte do movimento estratégico do capital sobre o trabalho. Portanto, faz necessário problematizar aqui como esse processo histórico-dialético vem sendo debatido pela sociologia, de sorte que nos forneça ferramentas conceituais no sentido de compreender as singularidades e as implicações das artimanhas produtivas do capital no Pólo oleiro-cerâmico da Região Metropolitana de Manaus. É o que será feito a seguir.

Como falamos no início, foi o SEBRAE que “selecionou” 3 empresas oleiras para que fossem pioneiras na introdução de novas tecnologias dentro da estrutura produtiva oleira. No planejamento delineado, esse conjunto de elementos industriais seria implementado em outras olarias à medida que fosse se estabelecendo uma *nova cultura organizacional* no ramo oleiro-cerâmico da Região Metropolitana de Manaus (MACIEL e VALLE, 2010).

As empresas iniciaram, dessa forma, um processo de reorganização do trabalho, estabelecendo metas de produtividade, busca por qualidade e controle do processo produtivo. Uma dessas formas de racionalização do trabalho diz respeito à adoção de inovações organizacionais de origem japonesa, como os Círculos de Controle de Qualidade (CCQ).

Na empresa onde nossa pesquisa foi efetuada os trabalhadores em conjunto com a liderança se reuniam de 15 em 15 dias, formando, assim, um CCQ. Era nessas reuniões efetuadas dentro do período de trabalho dos funcionários que os líderes e “colaboradores” avaliavam a execução de cada etapa do projeto e traçavam as novas metas a serem alcançadas pela empresa, mapeando todas as etapas do processo de fabricação.

Nosso interesse em mostrar os resultados dessa pesquisa está em trazer a lume a perspectiva de que as estratégias empresariais vinculam-se a uma nova forma de organização da produção, e que, portanto, remete a uma onda de arranjos produtivos a fim de estabelecer parâmetros de racionalização produtiva tendo em vista o controle do capital sobre o trabalho.

O primeiro desses arranjos diz respeito à própria contratação dos trabalhadores que preenchem o quadro de funcionários da olaria. A partir da adoção das inovações organizacionais e da emergência da ideia de que o trabalho em equipe é o cerne do ganho de produtividade, a cerâmica passou a estabelecer uma *política de contratação* baseada no critério *comportamental* do trabalhador. Assim, passou-se a ter como estratégia empresarial a adoção de critérios de seleção da força de trabalho que levem em conta a capacidade do trabalhador em ser *participativo, cooperador, responsável e comprometido* com os objetivos da empresa (MACIEL e VALLE, 2010).

O segundo arranjo é concernente à introdução dos Círculos de Controle de Qualidade na empresa. Fazer reuniões dentro do período de trabalho fez parte de uma estratégia para mostrar que o trabalhador tem a centralidade na empresa. Assim sendo, a introdução dos CCQs buscou aprofundar a extração do trabalho, capturando a força de trabalho não somente no plano técnico, mas na própria subjetividade do trabalhador. Pretende-se, dessa forma, “envolver” o operário com a política organizacional da empresa, seja oferecendo cursos sobre a importância da *qualidade*⁸, seja introduzindo a bonificação como um modo de mostrar para o trabalhador que ele é “peça fundamental”⁹.

O terceiro arranjo diz respeito à responsabilidade atribuída ao trabalhador no que concerne à gestão da produção. Fluxogramas e croquis indicando como se deve proceder em cada máquina ou que não fazer em determinado processo são espalhados pela fábrica, como uma tentativa de controle invisível sobre as etapas da produção.

Podemos dizer que nessa organização da produção de tijolos em Iranduba, o papel de supervisionar a produção, ou de inspecionar as etapas do processo de fabricação sai do plano tradicional, para uma dimensão do trabalho flexível, onde o inspetor não existe, mas está “bem ali”, em cada canto do chão da fábrica, criando, assim, uma mentalidade favorável à concentração no trabalho, e estabelecendo o não-desperdício com distrações e fantasias.

⁸ Cursos promovidos na olaria pelo SEBRAE/SP. No ano de 2009 a empresa construiu uma sala de aula onde esses cursos são oferecidos.

⁹ A *bonificação* consiste em pagar uma diária extra se o trabalhador não faltar nenhum dia da semana.

O quarto arranjo refere-se ao papel que a busca por ISOs¹⁰ adquire na transição produtiva em curso¹¹. Trata-se de uma exigência global que visa unificar e padronizar *comportamentos produtivos*. Quando uma empresa persegue a certificação dada pela ISO, ela precisa cumprir algumas cláusulas estabelecidas em parâmetros internacionais de normas fabris (MACIEL e VALLE, 2010). Uma dessas cláusulas se refere ao processo em que as auditorias exigem que os trabalhadores demonstrem conhecimento sobre os procedimentos de diversas etapas da produção de determinado bem.

Logo, cada procedimento necessário para a integração entre qualidade e produtividade precisa estar articulado no processo de produção, constituindo-se, assim, numa forma de criar mecanismos de controle do trabalho, fixando metas a serem alcançadas a cada mês, avaliando os resultados da produção nas reuniões quinzenais, em face de uma visão sistemática e racional sobre os ganhos e perdas na produção.

Referências

ABREU, Suelen. **A empresa oleiro-cerâmica do município de Iranduba**. Monografia, Faculdade de Estudos Sociais da Universidade Federal do Amazonas, 2004.

ACERAM (Associação dos Ceramistas do Estado do Amazonas). **Relatório da APL de Base Mineral**: “Central de Resíduos”, 2012.

ALVES, Giovanni Antonio Pinto. **Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo no Brasil** / Giovanni Antonio Pinto Alves. Campinas, SP [s.n], 1998.

ANICER (Associação Nacional da Indústria Cerâmica) – **Curso**: “A implantação de controles para melhoria da qualidade de produto cerâmico”. Rio de Janeiro, 2010.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho / Ricardo Antunes. – 14. ed. – São Paulo : Cortez, 2010.

_____. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho / Ricardo Antunes. – [2.ed., 10. reimpre. ver. e ampl.]. – São Paulo, SP : Boitempo, 2009.

_____. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho / Ricardo Antunes. – São Paulo : Boitempo, 2005.

CASTRO, Edna. Org. **Cidades na Floresta**. São Paulo: Annablume, 2008.

¹⁰ *International Organization for Standardization*. As ISOs 9000 e 14000 se referem a certificações dadas às empresas que buscam cumprir normas de gestão da qualidade e legislação ambiental, respectivamente.

¹¹ A meta da empresa pesquisada é obter as certificações ISO 9000 e 14000 até o ano de 2013.

CHAVES, Saile Wastran Queiroz. **Estudo de Mercado da Produção de tijolos no Município de Iranduba**. Monografia, Faculdade de Estudos Sociais da Universidade Federal do Amazonas, 2001.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. *Do fordismo à acumulação flexível*. São Paulo: Loyola, 1993.

IANNI, Octavio. **Estado e Capitalismo**. São Paulo, Brasiliense, 2004.

_____. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

LIMA, Jacob Carlos. **Ligações perigosas: trabalho flexível e trabalho associado**. / Organização de Jacob Carlos Lima. – São Paulo: Annablume, 2007.

MACIEL, Cleiton Ferreira; VALLE, Maria Izabel de Medeiros. **As inovações tecnológicas no Pólo oleiro-cerâmico de Iranduba-Am: um estudo de caso**. Universidade Federal do Amazonas. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica. Relatório Final. Manaus, 2010.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política** / Karl Marx ; apresentação de Jacob Gorender ; coordenação e revisão de Paul Singer ; tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. – 2. Ed. – São Paulo : Nova Cultural, 1985.

_____. **O manifesto comunista**. Karl Marx; Friedrich Engels. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1998.

MAUSS, Marcel. **Ensaio de sociologia**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

OLIVEIRA, Selma Suely Baçal de. **A “periferia” do capital: na cadeia produtiva de eletroeletrônicos** / Selma Suely Baçal de Oliveira. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

SASSEN, Saskia. **A Sociology of globalization**. New York: W.W. Norton & Company, 2007.

SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). **Manual para a Indústria de Cerâmica Vermelha**; redução dos desperdícios e maior eficiência no setor: Fascículo 1/ Roberto Segundo Enrique Castro Tapia- 2. ed. atual e aum- Rio de Janeiro: SEBRAE/ RJ, 2010.

SERÁFICO, Marcelo. **Globalização e empresariado: estudo sobre a Zona Franca de Manaus** / Marcelo Bastos de Assis Carvalho. – São Paulo: Annablume, 2001.

SILVA, Marilene C. da. **Metamorfoses da Amazônia**. Tese (Doutorado). São Paulo: Departamento de Ciências Sociais/IFCH/Unicamp. 1997. Mimeo.

TRINDADE, Pedro. **Análise do desempenho da economia oleiro-cerâmica do município de Iranduba**. Monografia, Faculdade de Estudos Sociais da Universidade Federal do Amazonas, 1999.

VALLE, Izabel. **Globalização e reestruturação produtiva:** um estudo sobre a produção *offshore* em Manaus / Izabel Valle. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva / Max Weber; tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; Revisão técnica de Gabriel Cohn – Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004.

_____. **Ensaio de Sociologia.** Max Weber. Rio de Janeiro: LTC, 1982.